

A POTÊNCIA DO RECONHECIMENTO COMO RESISTÊNCIA NA POESIA LESBOAFETIVA

THE POWER OF RECOGNITION AS RESISTANCE IN LESBO-AFFECTIVE
POETRY

Gabrielle Forster¹

RESUMO: A partir da análise de quatro poemas, das autoras Cristina Peri Rossi, Rosamaría Roffiel, Cecília Floresta e Diana Bellessi, pretende-se demonstrar que a poesia de temática lésbica adquire caráter político e resistente conforme questiona os moldes normativos femininos desde a problematização da heterossexualização obrigatória, para suscitar um remanejo desestabilizador e, em consequência, a abertura de um novo campo do sensível.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia lesboafetiva; gênero; resistência.

ABSTRACT: From the analysis of four poems, by the authors Cristina Peri Rossi, Rosamaría Roffiel, Cecília Floresta and Diana Bellessi, it is intended to demonstrate that the lesbian thematic poetry acquires political and resistant character as it questions the female normative molds since the question of heterosexualization, to provoke a destabilizing remnant and, consequently, the opening of a new field of the sensible.

KEYWORDS: Lesboffective Poetry; genre; resistance.

Se os aportes da Teoria Crítica Feminista, somado ao crescente interesse pelos Estudos Culturais, contribuíram para dar visibilidade à literatura escrita por mulheres, mas a sua inserção no campo literário só se efetua de forma lenta e a partir de problemáticas negociações, o que dizer da presença de escritoras

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria – Brasil, com período sanduíche em Universidad de Salamanca – Espanha. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7712-9484>. E-mail: gabrielle.zac.forster@gmail.com.

lésbicas nesse espaço de controle e subordinação? Como possibilidade de existência muitas vezes negada e excluída pelo próprio discurso feminista ou suprimida na homogeneidade das análises que recaem sobre as relações homoafetivas masculinas, sem considerar a especificidade das experiências eróticas e amorosas entre mulheres, a literatura de temática lésbica só se efetua em meio a grandes silêncios e invisibilidades. Nesse sentido, voltar-se para essas vozes é questionar a complexidade dos jogos de poder que jazem por trás da configuração do cânone desde um dos mais marginalizados limbos, para encontrar uma forma de experiência que desconcerta os parâmetros patriarcais pelo viés de críticas à heteronormatividade compulsória e apontar, assim, para a abertura de um novo campo do sensível².

Portanto, desvelar a homoafetividade entre mulheres na literatura se mostra tanto uma opção para dar visibilidade a sujeitos duplamente silenciados, desconstruindo assim os mecanismos de dominação que figuram por trás da proibição incutida, quanto um modo de explorar os afetos humanos desvinculados das malhas opressoras e de sua incapacidade em reconhecer sem receios a potência variável do amor e do desejo. Ou seja, é na possibilidade de reconfigurar os lugares de fala, trazendo à tona o que antes não era visível no comum partilhado e abrindo assim um novo campo de possíveis experimentais e relacionais, que reside a sua capacidade de resistência, visto que, conforme bem pondera Rancière:

El arte no es político en primer lugar por los mensajes y los sentimientos que transmite sobre el orden del mundo. No es político tampoco por la turba en que representa las estructuras de la sociedad, los conflictos o las identidades de los grupos sociales. Es político por la distancia misma que guarda con relación a estas funciones, por el tipo de tiempo y de espacio que establece, por la

² Utilizamos o termo em referência ao conceito de partilha do sensível, cunhado por Rancière, e a partir do qual ele propõe o entrecruzamento entre arte e política, ambas fundadas em um sistema de evidências sensíveis, que pode ser deslocado por meio do desentendimento suscitado por percepções distintas, capazes de intervir na ordem vigente, deslocando-a.

manera que divide ese tiempo y puebla ese espacio [...] lo propio del arte consiste en practicar una distribución nueva del espacio material y simbólico. Y por ahí es que el arte tiene que ver con la política (RANCIÈRE, 2005, p.13).³

Assim, não basta povoar a literatura de personagens periféricos, independente da marginalização social imposta, porque fazê-lo não implica em desapropriar-se do discurso hegemônico com seu eterno retorno ao Mesmo, pensado, disseminado e reafirmado em função da hierarquização. Ao contrário, é preciso perpassar as margens e encontrar nessa localização imposta a possibilidade de uma nova cartografia, de um novo espaço de encontro, de uma nova convivência com a outridade. Desse modo é que se pode abrir brechas no discurso dicotômico e opressor e traçar uma linha de fuga, como aquela proposta pela filosofia deleuzo-guattariana, já que

[...] um movimento artístico, científico, 'ideológico', pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento" (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.109, grifo dos autores).

Nessa capacidade de desarticular formas de organização e de relação reconhecíveis, criando, a partir desse afastamento e desse abalo, possíveis perceptivos e existenciais, reconhece-se a importância e a capacidade de resistência da poesia de escritoras latino-americanas que revisitam em sua poética o universo lesboafetivo. Com quatro poemas, de Cristina Peri Rossi

³ "A arte não é política em primeiro lugar pelas mensagens e pelos sentimentos que transmite sobre a ordem do mundo. Também não é política pela turma a partir da qual representa as estruturas da sociedade, os conflitos ou as identidades dos grupos sociais. É política pela distância mesma que guarda com relação a essas funções, pelo tipo de tempo e de espaço que estabelece, pela maneira que divide esse tempo e povoa esse espaço [...] o próprio da arte consiste em praticar uma nova distribuição do espaço material e simbólico. É por aí que a arte tem a ver com a política" (RANCIÈRE, 2015, p.13). (Tradução nossa).

(uruguaia), Rosamaría Roffiel (mexicana), Diana Bellessi (argentina) e Cecília Floresta (brasileira), já é possível observar a política de revisitação do estigma que recai sobre as relações lésbicas e que passará pela desarticulação do paradigma heteronormativo, na direção do traçado de novas formas de encontro com a alteridade. Uma dimensão política da arte entendida na linha de Rancière, como dissenso do qual eclode uma nova sensibilidade, desestabilizando as ordens articuladas.

Ao adentrarmos em algumas dessas poesias perceberemos que elas nos convidam a repensar os estereótipos que recaem não só sobre o lesboerotismo, mas também sobre o sujeito feminino, problematizando o caráter performativo do gênero e recontextualizando as palavras ofensivas como uma forma de rachar a lógica heteronormativa compulsória, pois

[...] hacer visible lo que ha sido repudiado y decir lo que antes era inefable se convierte en parte de una 'ofensa' que se debe cometer para ensanchar el dominio de la supervivencia lingüística. La resignificación del lenguaje requiere abrir nuevos contextos, hablando de maneras que aún no han sido legitimadas, y, por lo tanto, produciendo nuevas y futuras formas de legitimación (BUTLER, 1997, p.73).⁴

Nesse sentido, se constrói o poema da mexicana Rosamaría Roffiel, intitulado “Cántico” (1945) em alusão ao mote de sua composição, que se propõe a exaltar o sujeito feminino, permitindo-lhe novas e múltiplas possibilidades de ser. Para isso, a poeta se vale de caracterizações que não raras vezes adquirem um sentido pejorativo, sendo utilizadas para desqualificar aquelas mulheres que não se encaixam no padrão patriarcal, mas também de

⁴ “Tornar visível o que foi repudiado e dizer o que antes era inefável se converte em parte de uma “ofensa” que se deve cometer para ampliar o domínio da sobrevivência linguística. A resignificação da linguagem requer abrir novos contextos, falando de maneiras que ainda foram legitimadas e, portanto, produzindo novas e futuras formas de legitimação”. (BUTLER, 1997, p.73). (Tradução nossa).

outros termos que não possuem essa carga negativa e que postos lado a lado, em pé de igualdade, quebram a oposição entre modelo feminino e desvio, permitindo à mulher o direito à experiência daquilo que lhe foi negado. Na multiplicidade de possíveis que se abre em seu poema, nos deparamos com uma feminilidade desvinculada de parâmetros hegemônicos e exaltada justamente por sua capacidade para romper com os estigmas:

Me gustan las mujeres esdrújulas
 sin brújula
 sin mítica
 con tónica
 las que aman con las vísceras
 las células
 las glándulas
 las rítmicas
 intrépidas
 impúdicas
 las pérfidas
 ingravidas
 poéticas
 las mágicas
 las lésbicas
 lunáticas
 me gustas tú, Andrómeda
 erótica
 magnífica
 política
 mujérica.
 (ROFFIEL, 2015, n.p).

Assim, a imagem da mulher que o poema persegue e exalta se ilumina no neologismo final, que supõe uma grandeza feminina no transbordamento dos

limites impostos, já que essa “mujérica” se amplia quando redita, adquirindo novos tons. Conforme sugere a metáfora gramatical utilizada como primeiro elemento descritivo, a admiração por mulheres “esdrújulas” – em um poema feito inteiro com essa regra de acentuação para iluminar essa autenticidade – incorpora a força feminina projetada na capacidade de experimentar sua existência mais além dos modelos pré-estabelecidos, de trilhar seu caminho sem a obrigação de seguir uma “brújula”, uma “mítica”.

Por isso a amplitude desejada e enaltecida é alcançada aqui através da recontextualização de palavras com carga ofensiva (lunáticas, pérfidas, impúdicas) ou de termos que remetem para experiências marginalizadas pelo paradigma falocêntrico e heteronormativo (ingravidas, lésbicas, erótica, política). Na reivindicação dessas características compõem-se a possibilidade de um sujeito feminino diversificado e ativo, que o vocabulário variado e o ritmo acelerado do poema de versos breves vêm configurar.

Como “[...] el sexo no sólo funciona como norma, sino que además es parte de una práctica reguladora que produce los cuerpos que gobierna”⁵ (BUTLER, 2002, p.18) resignificar as alocações que nos capturam é uma forma de resistir, rachando a lógica hegemônica das dicotomias ao dar novas significações ao termos de sujeição, que baseados em relações de poder buscam sedimentar determinadas identificações. Se, conforme afirma Butler, o gênero é performático, ou seja, se afirma por convenção e repetição, não havendo desse modo qualquer pureza ou essência biológica no sexo, desestabilizar a linguagem que nos identifica é abrir novos espaços de experiência, já que:

[...] son las inestabilidades, las posibilidades de rematerialización abiertas por ese proceso las que marcan un espacio en el cual la fuerza de la ley reguladora puede volverse contra sí misma y producir rearticulaciones que pongan en tela de juicio la fuerza

⁵ “[...] o sexo não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática reguladora que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2002, p.18). (Tradução nossa).

hegemónica de esas mismas leyes reguladoras” (BUTLER, 2002, p.18).⁶

Por isso, muitos poemas, como o anterior, que utilizam a temática lesboafetiva, se valem das palavras ofensivas, recontextualizando esses termos, cuja carga negativa só se sustenta mediante um discurso machista e excludente. Em “Amazonas de sete lanças”, de Cecília Floresta, por exemplo, a palavra sapatão é usada em combinação com a própria construção poética, de modo que invalida a definição de um estereótipo para o termo que aqui só funciona como rima. Ainda que a coibição ao desejo lésbico seja mencionada de forma explícita no poema, a voz feminina se movimenta desprendida dessa imposição enquanto atravessa a rua Augusta, caçando como Diana, a deusa lunar que ama as mulheres.

Em diálogo explícito com o “Poema de sete faces”, de Drummond, e “Licença poética”, de Adélia Prado, vale-se da tradição poética para iluminar novas experiências para o sujeito feminino. Se na retomada intertextual feita por Adélia Prado, há um afastamento do poema primeiro, que embora sem deixar de reverenciar Drummond, pede licença para explanar e exaltar o universo feminino, reconhecendo a importância de abrir espaço para a expressão silenciada da mulher; na poesia de Cecília Floresta esse deslocamento será duplo.

Não apenas busca dar voz à vivência feminina que, sobretudo a partir da década de 1970 e em consonância com as teorias feministas, visou à revisitação de parâmetros cristalizados; mas também explora novos significados para esse sujeito desdobrável, que agora se desdobra novamente, na direção de novas experiências. Assim, distanciado do universo doméstico cotidiano de Adélia

⁶ “[...] são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização abertas por esse processo as que marcam um espaço no qual a força da lei reguladora pode voltar-se contra si mesma e produzir rearticulações que ponham em tela de juízo a força hegemônica dessas mesmas leis reguladoras” (BUTLER, 2002, p.18). (Tradução nossa).

Prado, se abre em “Amazonas de sete lanças” um universo noturno, urbano e lesboafetivo:

[...] naquela noite/ Mariana atravessou a mesa/ me beijou e disse:/ vai, Cecília! ser fancha na vida./ a sociedade coíbe mulheres/ que amam outras mulheres/ aquela noite talvez fosse tarde,/ não houvesse tantas cervejas./ minha cabeça vertiginosa cheia de/ imagens:/ meninas verdes púrpuras vermelhas./Pra que tantas lesbianas, minha Deusa/ resmungo meu coração./embora as minhas vontades/ sejam bastantes & famintas./ a moça de cabelos curtos/ do outro lado do vagão/ não deixa dúvidas:/ gesticula em demasia/ teve muitas, muitas amantes/ a mulher atrás do livro/ *No bosque da noite*/ Afrodite,/ por que foi que dividiste?/ se sabias que amava demais/ se atinavas que não beberia/ apenas uma rodada por vez/ comprida rua Augusta,/ se eu soltasse um “no me gusta”/ seria uma rima, e não sapatão./ comprida rua Augusta/ da Paulista até o centro/ foste muitas vezes/ minha única consolação./ eu não devia dizer nada/ mas aquela mulher/ mas esse tesão/ botam a gente chuvosa/ como Angêla RoRo nos ouvidos/ em domingos/ quando é tudo/ quase tudo por um triz (FLORESTA, 2018, n.p).

A mulher que aqui se perfila percorre o ambiente urbano paulistano em assumida ruptura com os estereótipos de gênero. Sem mencionar o casamento ou a maternidade, conforme faz o eu lírico de “Licença poética”; “Amazonas de sete lanças” desdobra uma nova versão da experiência feminina, que perpassa o urbano caótico de trocas inter-humanas transitórias e superficiais, em busca de um possível encontro, ainda que efêmero. Na expressão do seu desejo de “vontades bastantes & famintas” reconfigura a imagem da mulher como dona de seu próprio corpo e vontade, liberando a erotização da mesma de seu vínculo com as formas de apropriação masculina.

No tesão afirmado não há idealização amorosa nem objetivo de enlace monogâmico ou reprodução; é apenas desejo corpóreo e múltiplo, que se assume em sua possibilidade de liquidez contemporânea. Portanto, há uma reapropriação do corpo, que vai além da afirmação de uma sexualidade não hegemônica, já que a mulher do poema rompe com os estereótipos femininos normativos não apenas na expressão de sua homossexualidade, mas na busca

da satisfação de seu desejo de modo ativo, abandonando a esperada passividade e docilidade.

Ao pensar e expressar o sujeito feminino a partir da experiência de uma sexualidade não hegemônica, a literatura de temática lésbica põe em evidência a necessidade de considerar a heteronormatividade obrigatória como o modo por excelência de mantimento da dicotomia subjugadora das mulheres, já que “[...] es la opresión que crea el sexo, y no al revés” (WITTIG, 2006, p.22)⁷, ou seja, a imposição de um sistema heterossexual que se coloca como natural, considerando como desvio tudo aquilo que escapa desse domínio. É a partir dessa obrigação que se constroem os estereótipos femininos vinculados à reprodução, à objetalização de seu corpo, à tendência materna, à passividade e à fragilidade que lhes reservam, inclusive, posições desprestigiadas no trabalho. Portanto, resistir a essa imposição primária é resistir igualmente a todos os outros parâmetros de captura.

Nesse sentido foi pensada a polêmica suposição de Monique Wittig de que as lésbicas não são mulheres, justamente pelo fato de que essa existência questiona as categorias de sexo (homem/mulher) e põe em evidência, desde sua posição, os padrões impostos para as mesmas, negando os mitos femininos com os quais se compôs uma categoria, não menos hegemônica, de grupo. A negação proposta pela autora não se refere à adoção de uma postura máscula, conforme poderia sugerir uma leitura ingênua, mas se relaciona com a percepção de que “[...] el sujeto designado (lesbiana) *no es* una mujer ni económicamente, ni políticamente, ni ideológicamente” (WITTIG, 2006, p.43)⁸, ou seja, a sua existência questiona a relação de submissão com a qual se constitui em relação ao homem, e para a qual contribui a naturalização e a normatização da heterossexualidade.

⁷ “[...] é a opressão que cria o sexo, e não o contrário” (WITTIG, 2006, p.22). (Tradução nossa).

⁸ “[...] o sujeito designado (lésbica) não é uma mulher nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente” (WITTIG, 2006, p.43). (Tradução nossa).

Ao observar a recorrente exclusão das lésbicas do movimento feminista, assim como a ausência de críticas à heteronormatividade compulsória em tal discurso, Wittig demonstra que é preciso reconhecer a convenção opressora que jaz por trás da heteronormatividade obrigatória à medida que propõe uma divisão hierárquica entre os sexos, impondo às mulheres a obrigação de reproduzir e de encarnar determinados estereótipos dentro dessa relação binária, na qual ela é objetalizada para servir a partir dessa categoria. De acordo com a referida autora, e desde uma postura radical, é preciso abolir essas posições, pensar e estar além delas, porque

[...] la sociedad heterosexual no es la sociedad que oprime solamente las lesbianas y a los gays, oprime a muchos otros/diferentes, oprime a todas las mujeres y a numerosas categorías de hombres, a todos los que están en la situación de dominados. Porque constituir una diferencia y controlarla es un acto de poder ya que es un acto esencialmente normativo. Cada cual intenta presentar el otro como diferente. Pero no todo el mundo lo consigue. Hay que ser socialmente dominante para lograrlo (WITTIG, 2006, p.53).⁹

Por isso, a importância de reconhecer a imposição heterossexual como mote da submissão e da apropriação das mulheres, tomadas como um grupo natural, cujo reconhecimento se efetua dentro da relação desigual proposta pelo seu par dicotômico. Ao compreender que “[...] la mujer no es cada una de nosotras, sino una construcción política e ideológica que niega a las mujeres” (WITTIG, 2006, p.39)¹⁰, a autora acredita que o questionamento das categorias de sexo seria uma forma de “[...] destruir el mito dentro y fuera de nosotras”

⁹ “[...] a sociedade heterossexual não é a sociedade que oprime somente as lésbicas e os gays, oprime a muitos outros/diferentes, oprime a todas as mulheres e a numerosas categorias de homens, a todos que estão em situação de dominados. Porque constituir uma diferença e controlá-la é um ato de poder já que é um ato essencialmente normativo. Cada qual tenta preservar o outro como diferente. Mas não é todo mundo que consegue. Há que ser socialmente dominante para conseguir” (WITTIG, 2006, p.53). (Tradução nossa).

¹⁰ “[...] a mulher não é cada uma de nós, mas uma construção política e ideológica que nega as mulheres” (WITTIG, 2006, p.39). (Tradução nossa).

(WITTIG, 2006, p.39)¹¹, impedindo a repetição dos mesmos padrões de dominação por parte do patriarcado e até mesmo dentro das relações homoafetivas.

Assim, o lesbianismo aparece como uma forma de subversão das estratégias de apropriação sexual, emocional e econômica das mulheres, ao negar a relação heterossexual instituída, que garante aos homens o acesso aos seus corpos. Portanto, a homoafetividade exprime esse reconhecimento e aponta para novas formas de experiência subjetiva e relacional, como foi possível observar em “Amazonas de sete lanças”, que se solta dos padrões heteronormativos conforme desliza pela “famosa” rua da capital paulista, levando-nos a perceber que:

Los cuerpos de las lesbianas son cuerpos que se han desentendido de los ritos, prácticas y movimientos que se nos enseñan a las mujeres desde pequeñas para ser deseadas por los hombres. Han construido otros actos performativos que difieren de la performance de la mujer normativa (ROJAS, 2016, p.19).¹²

Por isso, quando juntas, há uma espécie de reconhecimento da opressão e, em consequência, da resistência que faz eclodir uma nova sensibilidade. No poema “Ca fogsari”, de Cristina Peri Rossi, a relação homoafetiva se processa a partir dessa identificação feminina, que resiste “al orden domesticado”, para abrir uma nova visão sobre o encontro/contágio entre duas mulheres:

Te amo como mi semejante/ mi igual mi parecida/ de esclava a esclava/ parejas en la subversión/ al orden domesticado/ Te amo esta y otras noches/ con las señas de identidad cambiadas/ como alegremente cambiamos nuestra ropa/ y tu vestido es el mío/ y mis

¹¹ “[...] destruir o mito dentro e fora de nós mesmas” (WITTIG, 2006, p.39). (Tradução nossa).

¹² “Os corpos das lésbicas são corpos que se desentenderam dos ritos, práticas e movimentos que ensinam às mulheres desde pequenas a como serem desejadas pelos homens. Elas construíram outros atos performativos que diferem da performance da mulher normativa” (ROJAS, 2016, p.19). (Tradução nossa).

sandalias son las tuyas/ Como mi seno/ es tu seno/ y tus antepasadas son las mías/ Hacemos el amor incestuosamente/ escandalizando a los peces/ y a los buenos ciudadanos de este/ y de todos los partidos./ A la mañana, en el desayuno,/ cuando las cosas lentamente vayan despertándote/ llamaré por mi nombre y tú contestarás alegre,/ mi igual, mi hermana, mi semejante (ROSSI, 2005, p.29).

A leitura do poema inclui a percepção de que ambas compartilham as mesmas formas de opressão e que, portanto, na realização desse desejo, são subversivas. É a partir dessa resistência que o encontro se processa, estabelecendo uma cumplicidade que origina uma espécie de mistura entre as duas, conforme compartilham as roupas, o próprio corpo e a origem, como se estivessem fundindo-se em uma só. A partir da fusão que percorre todo o poema pode-se reconhecer uma troca feminina que vai além do encontro erótico e que aponta para o conceito de *continuum* lésbico proposto por Adrienne Rich e desde o qual:

Empezamos a descubrir lo erótico en términos femeninos: como lo que no está confinado a una única parte del cuerpo o solo al cuerpo en cuanto tal; como una energía no solo difusa, sino en palabras de Audre Lorde, omnipresente en la “alegría compartida, ya sea física, emocional o psíquica”, y en el trabajo compartido; como la alegría potenciadora que “nos vuelve menos dispuestas a aceptar la impotencia, o esos otros estados de ánimo inducidos con los que no nací, como la resignación, la desesperación, la autocancelación, la depresión, la autonegación (RICH, 1996, p.13).¹³

Desse modo, a proposta da referida autora indica uma possibilidade de experiência compartilhável entre as mulheres, que vai além de uma relação

¹³ “Começamos a descobrir o erótico em termos femininos: como aquilo que não está confinado a uma única parte do corpo ou só ao corpo enquanto tal; como uma energia não somente difusa, mas em palavras de Audre Lorde, onipresente na ‘alegria compartilhada, seja física, emocional ou psíquica’, e no trabalho compartilhado, como a alegria potencializadora que ‘nos torna menos dispostas a aceitar a impotência, ou esses outros estados de ânimo induzidos com os qual não nasci, como a resignação, a desesperação, a autocancelamento, a depressão, a autonegação” (RICH, 1996, p.13). (Tradução nossa).

erótica e que se expressa numa espécie de reconhecimento feliz, capaz de sobrevir às máculas e às amarras construídas pela lógica hegemônica do patriarcado. O *continuum* lésbico, de Adrienne Rich, se refere à potência desconstrutora de um encontro feminino, em seu devir minoritário, que passa pela minoria mulheres sem alojar-se nela, ou seja, compreendido como “[...] uma figura universal da consciência minoritária” [com qual] “dirigimo-nos a potências de devir que pertencem a um outro domínio, que não o do Poder e da Dominação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.53).

Por isso desconstrói a própria categoria sexual imanente ao termo lésbico e supõe um composto de relação que não necessariamente inclui essa experiência, porque se refere, sobretudo, a um compartilhamento que rompe com os padrões androcêntricos e que permite à mulher uma existência e experiência fora dos papéis e rótulos impostos, e contra, inclusive, a própria configuração hegemônica de um grupo, mesmo que minoritário. Ainda mais porque “[...] la re-apropiación del cuerpo no ocurre de manera automática al momento de declararse lesbiana. Requiere liberarse del régimen heterosexual y de todo su aparataje ideológico, de lo contrario se puede tornar una lesbiana de mente hetero” (ROJAS, 2016, p.20)¹⁴.

Nesse sentido, pode-se dizer que essa comunidade posta em circulação pelo *continuum* lésbico deve ser pensada na esteira de outra espécie de comunidade, uma comunidade negativa, inconfessável, inoperante, na esteira das propostas de autores como Blanchot, Espósito e Jean Luc-Nancy¹⁵, ou seja,

¹⁴ “[...] a reapropriação do corpo não ocorre de maneira automática no momento em que se declara lésbica. Requer liberar-se do regime heterossexual e de todo seu aparato ideológico, de contrário é possível que se torne uma lésbica de mente hétero” (ROJAS, 2016, p.20). (Tradução nossa).

¹⁵ Discussão proposta em:

BLANCHOT, Maurice. *La comunidad inconfesable*. Madrid: Editora Nacional, 2002.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas*. Origen y destino de la comunidad. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

uma comunidade que não busca um projeto de união atributiva, mas se abre a um espaço nômade de experimentação, de possíveis contágios, que invalidam modelos comunitários pautados em identificações totalizadoras e homogêneas. Um estar-com que se vê marcado de alteridade, de dissenso, de pluralidade, de potencialidades, reconhecendo que

[...] no es lo propio, sino lo impropio – o, más drásticamente, lo otro - lo que caracteriza a lo común. Un vaciamiento, parcial o integral, de la propiedad en su contrario. Una despropiación que inviste y descentra al sujeto propietario y lo fuerza a salir de sí mismo. A alterarse (ESPOSITO, 2003, p.31).¹⁶

Um modo de desapropriação no contágio visível no poema analisado de Cristina Peri Rossi, quando o eu lírico devém alegremente com a outra, numa mescla que altera ambas, que as enlaça ex-propiadas, “con las señas de identidad cambiadas”. O encontro entre elas é também erótico, mas significa além do sexual, colocando-se na esteira de um *continuum* lésbico como possibilidade de instauração de uma nova perspectiva e sensibilidade, na qual o contágio alegre inviabiliza dicotomias hierárquicas e opressoras. Nesse sentido, esse encontro é resistente, e, por isso, fazem “el amor incestuosamente/ escandalizando a los peces/ y a los buenos ciudadanos de este/ y de todos los partidos” com a alegria de uma troca substancial, com a qual se aceitam reconhecidas, irmãs, iguais, semelhantes.

Como a tematização da relação homoafetiva vaza os moldes androcêntricos e heteronormativos expressando uma forma de encontro pelo

NANCY, Jean-Luc. *La comunidad inoperante*. Santiago de Chile: Arcis, 2000.

¹⁶ “Não é o próprio, mas o impróprio – ou, mais drasticamente, o outro – o que caracteriza ao comum. Um esvaziamento, parcial ou integral, da propriedade em seu contrário. Uma desapropriação que investe e descentra ao sujeito proprietário e força-o a sair de si mesmo. A alterar-se. (ESPOSITO, 2003, p.31). (Tradução nossa).

viés do contágio e não da dicotomia, é comum também a exploração de outras formas de prazer que rompem com a supremacia posta no coito e nos genitais. Dessa nova sensibilidade surge muitas vezes uma forma de excitação que erotiza as próprias palavras, que as infla de tesão, de corpo, para feminilizar a língua, que embora chamada de materna está construída sob a ordem do falocentrismo, como aponta Luce Irigaray, já que “[...] el devenir patriarcal de la cultura [...] se inscribe también en la economía profunda de la lengua” (IRIGARAY, 1992, p.17)¹⁷.

Em “No me mandes al rincón” (1988), de Diana Bellessi, é na evocação da palavra que o encontro acontece, construindo seu leito em um poema erotizado por um desejo feminino, que transcende o molde heterossexual. Assim, as palavras enunciadas vão abrindo novas sensibilidades, outras formas de excitação e de afeto, adquirindo o poder de invocar essa possibilidade de contato, de modo que o poema é resposta às próprias perguntas feitas nele:

Cuando digo la palabra nuca/ ¿te chupo suavemente/ hasta hundir/
el diente aquí?/¿Estoy tocándote acaso?/ Cuando digo pezón/¿la
mano roza/ las dilatadas rosas de los pechos tuyos?/ ¿te toco
acaso?/¿Toca, lengua, la comisura/de mis labios y aprisiona/en la
vasta cavidad el cuerpo/ que desea ser tocado y ceñido/ por tu
lengua cuando nombra/ mi boca la palabra lengua, acaso?
(BELLESSI, 2002, n.p).

A cada pergunta é uma experiência que se abre como um possível. A palavra se enche de vitalismo, de magia, de comunhão, na esteira da visão da poeta sobre a própria poesia, como “[...] lenguaje que canta, y que no proviene solo de nuestra cabeza, sino también de nuestro cuerpo, del rumor de la sangre

¹⁷ “[...] o devir patriarcal da cultura [...] se inscreve também na economia profunda da língua” (IRIGARAY, 1992, p.17). (Tradução nossa).

y el hálito de nuestra respiración” (BELLESSI, 2009, p.10)¹⁸. Nesse sentido, o poema se expressa como um convite vivo, que lateja o acontecimento em si, erotizando as palavras para isso, pois não quer “tocar un fantasma” nem a “fantasía cortés/ del trovador a su dama”. Seu desejo é realizável e corpóreo, excitando-se com diversas partes e sensações iluminadas no percurso da escrita. Aqui:

La idea es entender la intimidad cuerpo a cuerpo, más allá de la trivialidad heterossexista que prioriza la penetración y el coito, en una lógica lineal del sexo y el erotismo. Invita a entender la intimidad como un fluir de cuerpos de mujeres que se gustan, se sorprenden, se excitan, se quieren, se desean. Es un encuentro corporal diferente al heterosexual (ROJAS, 2016, p.18).¹⁹

Por isso, o encontro produzido no poema descobre prazer na própria fala, que explora carícias por várias partes do corpo com o qual compartilhará um laço que também se aproxima da ideia de *continuum* lésbico, já que implica um reconhecimento instaurador de uma nova sensibilidade afetiva, como um “gesto/de mutua apropiación/ instante donde no se sabe/ los límites del tú, del yo”. Descrito como um “alegre/ relâmpago de zarpa”, não busca a duração cronológica, mas aquela despertada por Aion, o tempo das intensidades, das singularidades, visto que se apresenta “en tersa conjunción que sabe/no durará/ y sabe/ es más eterno que el filo de um diamante”. Aqui o que se exalta é a potência erótica e afetiva de um encontro singular, que afirma o corpo e seus instintos, liberando-o das interpretações feitas e das satisfações condicionadas,

¹⁸ “[...] linguagem que canta, e que não provém somente da nossa cabeça, mas também do nosso corpo, do rumor do sangue e do hálito da nossa respiração” (BELLESSI, 2009, p.10). (Tradução nossa).

¹⁹ A ideia é entender a intimidade corpo a corpo, mais além da trivialidade heterossexista que prioriza a penetração e o coito, em uma lógica linear do sexo e do erotismo. Convida a entender a intimidade como um fluir de corpos de mulheres que se gostam, se surpreendem, se querem, se excitam, se desejam. É um encontro diferente do heterossexual”. (ROJAS, 2016, p.18). (Tradução nossa).

para deixar que o desejo se manifeste livre de interpretações e capturas ao lesbianizar a palavra como forma de resistência aos moldes heterossexistas.

Desse modo, percebe-se que os poemas analisados apostam não apenas na desconstrução de estereótipos e na recontextualização dos termos ofensivos, mas também na abertura de um novo campo do sensível e da experiência. A valorização de possíveis existenciais femininos que esses poemas fazem circular – seja a partir da exaltação de condutas criticadas no âmbito de uma sociedade patriarcal ou da expressão de atitudes e desejos que vazam a lógica heterocêntrica – abre espaço para outras formas de ser mulher. Uma mulher que não se define mais em relação ao seu par na representação dicotômica e hierárquica. Uma mulher lésbica que, ao romper com a heterossexualização, denuncia e desconstrói estereótipos vinculados ao gênero feminino, rachando a lógica de opressão. Uma mulher dona de seu corpo, de sua vontade, e cuja força torna-se, portanto, ativa, livre de sujeições. Uma mulher política, que a partir do dissenso faz ver o que se desvia do comum partilhado, apontando assim para uma nova distribuição dos lugares, desde essa percepção outra que fulgura no desentendimento, que escapa às convenções. Em suma, uma existência feminina potencial e possível, resistente às condutas e aos códigos, subordinadores.

Por conseguinte, a partir da existência lésbica, os poemas abrem outras possibilidades de experiência feminina e iluminam uma forma de encontro diferenciada, não mais realizada dentro da lógica de dominação. Uma relação que passa pelo reconhecimento da intenção opressiva que figura por trás da construção da alteridade e que, portanto, libera esse outro da necessidade de ser nomeado com relação ao Eu heterocêntrico. Uma relação que dá visibilidade a uma nova sensibilidade. Uma relação como um *continuum* lésbico, alegre na resistência, prazerosa além dos limites heterossexistas, desejosa de encontros mais substanciais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BELLESSI, Diana. “La experiencia de la poesía”. In: PRADO, Benjamín (org). *Cuadernos Hispanoamericanos*. Madrid: 2009. p. 9-17.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “No me mandes al rincón”. Disponível em: <https://poemargens.blogspot.com/2011/10/diana-bellessi.html>. Acesso em: 12 ago 2019.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Trad. de Alcía Bixio. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Trad. de Javier Sáez y Beatriz Preciado. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1995. Vol. 2.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. Vol. 5.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas*. Origen y destino de la comunidad. Trad. Carlo Rodolfo M. Marotto. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- FLORESTA, Cecília. “Amazonas de sete lanças”. Disponível em: <https://revistagueto.com/2018/01/24/tres-poemas-de-cecilia-floresta/> Acesso em: 12 jun 2019.
- IRIGARAY, Luce. *Yo, tú, nosotras*. Trad. de Pepa Linares. Madrid: Ediciones Cátedra, 1992.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo. Editora Siciliano, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *Sobre políticas estéticas*. Trad. de Manuel Arranz. Barcelona: Bellaterra (Cerdanyola del Vallés), 2005.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade obrigatória y existencia lesbiana. Trad. de María-Milagros Rivera Garretas. *Duoda: Revista d’Etudis Feministes*. n. 11, 1996.
- ROFFIEL, Rosamaría. “Cántico”. Disponível em: <https://estomagoenlasmariposas.tumblr.com/post/93382447065/me-gustan-las-mujeres-esdr%C3%BAjulas-sin-br%C3%BAjula-sin>. Acesso em: 21 jul 2019.
- ROSSI, Cristina Peri. *Condición de mujer*. Colombia: Arquitrave, 2005.

ROJAS, Zicri J.O. El lesbianismo como práctica descolonizadora. *Revista Ártemis*. Vol XXI. Jan-jul 2016. pp.16-26.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Trad. de Javier Sáez y Paco Vidarte. Barcelona: Editorial Egale, 2006.

Recebido em 26/06/2020.

Aceito em 23/11/2020.